

“ALÔ, ALÔ MINHA CAMPINA GRANDE, QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ NÃO TE CONHECE MAIS”: O LUGAR DA CRÍTICA, DA MEMÓRIA E DA AFETIVIDADE

Autor: Andresson Araújo Gomes

Universidade Estadual da Paraíba andresson_araujog@hotmail.com

Resumo

Na história do Brasil, o movimento modernista visava à transformação do meio social, e ao mesmo tempo configurar um verdadeiro modelo ou estilo brasileiro, uma identidade brasileira. O grande vácuo cultural brasileiro (inexistência de um complexo padrão de comportamento, crenças, instituições, manifestações artísticas, intelectuais, etc.; ou seja, de uma cultura própria), fez com que as cidades sofressem modificações profundas, afetadas pela necessidade de modernização. Em Campina Grande a transformação do espaço urbano tem se constituído um dos principais motivos para a degradação do patrimônio histórico e cultural. Nos anos de 1930, quando se inicia a política de modernização com o prefeito Vergniand Wanderlei, muito do patrimônio cultural foi destruído e reformado. Tal política tinha em vista a destruição de qualquer construção que simbolizasse um passado colonial e retrogrado. Isso fez com que o cidadão campinense perdesse um pouco de sua identidade. Diante das transformações geradas pela modernidade em Campina Grande, a necessidade de preservação do patrimônio histórico e cultural de Campina Grande é urgente. Com isso, buscamos contribuir para a valorização e construção da história via memória de Campina Grande através do ensino, destacando o processo de modernização de Campina Grande e a consequente destruição de seu patrimônio histórico e cultural.

Palavras Chaves: Memória, Patrimônio, Monumento, Identidade.

Introdução

Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa do PIBIC/CNPq 2014/2015, intitulado **“CIDADE VISÍVEL E INVISÍVEL: UMA RELEITURA DO PATRIMÔNIO DE CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DA MEMÓRIA, DOS MUSEUS E DA GASTRONOMIA”**, orientado pela professora doutora Maria Lindaci Gomes de Souza.

No Brasil à semelhança do ocorrido na Europa no bojo do movimento modernista, encontram-se as raízes da preocupação com a preservação do patrimônio cultural e nacional. Conforme destaca D’Assunção, (1925) o modernismo tenta reunir movimentos que aparecem antagônicos. De um lado pretende inserir o país no contexto das grandes transformações que sacodem o mundo. De outro saem em busca de modelo que retrate mais verdadeiramente o Brasil.

A dicotomia aparente entre duas concepções de ver e viver no mundo tem sua base na própria concepção da teoria moderna. O passado conforme coloca Dourado (1989), precisa ser lembrado uma vez que foi esquecido.

No Brasil a grande lacuna cultural era a inexistência de uma cultura própria e de identidade local, o que fez com que as cidades sofressem modificações profundas afetadas pela necessidade de modernização. No entanto mais do que perder seus bens culturais, a modernidade significava também a perda do seu lugar, do seu espaço e de seus costumes isto é tudo aquilo que simbolizava o antigo, o retrogrado, estava sendo dizimado da cidade a fim de esquecer o passado de atraso da mesma. Praças, paços municipais, monumentos e com eles costumes, referenciais de memória, espaços culturais sociais foram destruídos em favor do progresso.

A transformação do espaço urbano de Campina Grande, em seus mais diferentes tempos e objetivos, têm se constituído ao longo da história, como um dos principais motivos para a degradação do patrimônio histórico e cultural da cidade. Desde a década de 1930, quando se inicia na cidade a política de modernização e urbanização, vários monumentos que compunham a paisagem cultural de Campina Grande foram destruídos e reformados.

Nos anos 1930, o prefeito Vergniaud Wanderley inicia na cidade de Campina grande o projeto de urbanização, que anos atrás havia sido idealizado por seu antecessor na administração campinense, Antonio Pereira Diniz. Em jornais datados de 1935, já se podia

perceber as intenções do prefeito voltadas para a modernização da cidade através de leis sancionadas.

Os motivos alegados para tais modificações giravam em torno dos discursos e das novas questões levantadas na sociedade por higienistas e sanitaristas, associando-as á problemas de saúde. No entanto, principalmente quando se trata de Campina Grande, não se podia negar a intenção de realizá-la como objetivo de proporcionar o crescimento necessário às exigências do capitalismo em expansão.

A fim de promover uma melhor estética e plasticidade das ruas, prédios e logradouros, o prefeito afirmava ser umas das suas cogitações estimular a construção de prédios modernos que substituiriam os casebres sem a estética desejável e idealizada para uma cidade em processo de mudança, pelo menos na principal artéria da cidade. No caso, a Rua Maciel Pinheiro.

Tais mudanças além de mudar a cara de Campina Grande, sem sombra de dúvidas afetou de maneira considerável o patrimônio histórico e cultural da mesma. Entre prédios derrubados, ruas abertas, negócios fechados, enfim; do passado destruído, muito da história de Campina Grande, materializada através do patrimônio, terminou sendo esquecida e sobreposta. Resultado de um progresso que faz apenas um tipo de leitura da cidade. A leitura sob o olhar da modernidade, deixando de lado o aspecto social e humanista.

O crescimento acelerado e a exacerbada busca pela modernidade que o desenvolvimento econômico exigiu, foi o primeiro fator que contribuiu para a alteração do patrimônio da cidade, tendo em vista que o projeto de modernização trouxe abaixo toda e qualquer construção que simbolizasse um passado colonial e retrógrado que, diante da situação atual de Campina, deveria ser esquecido. Nesse sentido, construções e desconstruções foram efetivadas visando o embelezamento e modernização da mesma.

Nesse sentido, podemos perceber que durante o processo de modernização da cidade não houve o interesse de preservação do patrimônio local tanto no seu caráter material quanto no imaterial, pois à medida que se dispunham a modernizar-se, os moradores da localidade abriam mão de um passado, de costumes que eram seu, mas que deveriam ser relegados aos esquecimento, em prol do progresso da cidade.

O cotidiano tido como retrogrado, os hábitos que obrigatoriamente foram esquecidos, tudo isso contribuiu para que o cidadão campinense perdesse naquele período um pouco de sua identidade, sendo obrigados a absorverem uma postura moderna, à medida que perdia a si mesmo, trazendo para si a ideia de modernidade da cidade, devendo com tudo este assumir a postura de um sujeito moderno.

Assim, considerando o conceito atribuído a cidadão, que o define como sendo um indivíduo ativo e participante no processo histórico da sociedade, assim como respaldando-nos nas conquistas feitas ao longo dos anos no que se refere à participação cidadã no processo de seleção e classificação do patrimônio nacional, tanto quanto sabendo da importância da memória e do patrimônio para a formação identitária da sociedade brasileira, se faz necessária uma maior valorização e preocupação por parte da sociedade no que se refere à preservação da memória nacional, para que assim através do conhecimento aconteça o reconhecimento de si mesmo como parte integrante e ativa dessa história, e assim se promova a conscientização não só do direito à memória, mas também do dever de preservação dessa memória, do acautelamento da história nacional.

Dessa maneira, e diante de transformações internas e externas geradas pela modernidade, percebemos a necessidade de preservação do patrimônio histórico e cultural de Campina Grande, a fim de posicionar-se não contra ao processo de modernidade, mas contribuir para a valorização e construção da história via memória de seus habitantes, considerados de suma importância enquanto percepção da fisionomia da cidade, afim de com isso propiciar por meio do conhecimento a valorização do patrimônio cultural, via o ensino. Sendo assim, a proposta desta pesquisa é analisar a importância atribuída ao processo de modernização de Campina Grande e a consequente destruição de alguns de seus casarios e monumentos. Além disso, a proposta também inclui identificar no centro de Campina Grande os monumentos históricos que foram preservados após o governo de Vergniaud Wanderley; Fazer um levantamento das principais modificações urbanas de Campina Grande durante o período compreendido por modernização; Analisar o nível de conhecimento dos alunos que participaram da pesquisa sobre os monumentos que foram destruídos.

Metodologia

Na pesquisa, utilizamos como metodologia a História oral através da história oral temática, tendo como técnica a entrevista. Além de questionários e análise documental.

Além da técnica de entrevista, feitas com os antigos moradores das ruas centrais de Campina Grande, foi feito uma observação direta no centro de Campina Grande, uma vez que, nos apropriaremos também da metodologia da pesquisa de caráter qualitativa.

Por isso, assim como previsto na elaboração da pesquisa, buscou-se neste trabalho, uma investigação junto aos atuais e antigos moradores, considerando a importância de inserir a proposta de preservação do patrimônio.

Optamos pela metodologia qualitativa que segundo Minayo, “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e reações humanas, um lado não captável em equações, médias e

estatísticas” (1994, p. 94). Assim, acreditamos que a metodologia qualitativa atende aos objetivos da análise. Serão utilizados, quando necessários, dados quantitativos.

Consultou-se outras fontes tais como: documentários, documentos oficiais da produções de jornais e revistas, além de trabalhos monográficos e de dissertações, que discutam sobre patrimônio histórico e cidade. A partir destas leituras, serão construídos fichamentos temáticos para, a partir deles e da etapa empírica realizada, elaborar artigos, resenhas e o relatório de pesquisa.

Como aporte teórico para o trabalho, utilizamos como base teórica os conceitos de monumento, identidade, memória e patrimônio. Na abordagem conceitual de monumento, na perspectiva de Françoise Choay, explica que monumento, no sentido original do termo, vem do latim *monumentum* (que deriva de *monere* que significa: advertir, lembrar), que significa trazer à lembrança alguma coisa; tocar, pela emoção, uma memória viva; “monumento é tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p.18). A especificidade do monumento deve-se ao seu modo de atuação sobre a memória, mas não todo tipo de memória; uma memória que contribua para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal, ou familiar.

Com Choay discutimos a questão de patrimônio, ele diz que patrimônio é,

Uma expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação continua de bens de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (CHOAY, 2001, p. 11).

Com a relação ao conceito de memória discutimos com o teórico Ricardo Oriá, que fala da importância de se trabalhar história e memória na educação, como condição essencial para a construção de uma nova cidadania e identidade nacional e plural. Oriá considera que a escola e, em especial a aula de história, tem um papel fundamental nesse processo. É ela, na sua concepção,

O locus privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social (ORÍÁ, 2006, p. 130).

Sobre identidade dialogamos com Stuart Hall, onde ele debate algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade apresentando uma afirmação de que as identidades modernas estão sendo descentradas, transformando as identidades pessoais, abalando a ideia

que temos de nós mesmos como sujeitos integrados e promovendo uma “crise de identidade”. Ele argumenta que a apresentação de um sujeito pós-moderno, com uma identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais são representados nos sistemas culturais que os rodeiam, mostra a necessidade de adaptação deste sujeito em uma sociedade que influi e é influenciada pela globalização libertando-se de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, deslocando as identidades culturais nacionais. O autor mostra o efeito contestador e deslocador da globalização nas identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante, altera as identidades fixas, tornando-as menos fixas, plurais, mais políticas e diversas.

Resultados foram obtidos durante a pesquisa. Com a pesquisa documental (documentos de jornais, revistas, monografias, etc.) foi realizado um levantamento das principais modificações urbanas de Campina Grande durante o período compreendido por modernização. Também foram registrados alguns dos principais monumentos que englobam o patrimônio cultural de Campina Grande. E com as entrevistas obtemos a localização de alguns dos principais monumentos históricos de Campina Grande.

Levantamento das principais modificações urbanas de Campina Grande durante o período compreendido por modernização:
-Demolição do prédio dos correios e telégrafos para a construção da Praça da Bandeira, em 1933.
-Construção da Praça Clementino Procópio em 1935.
-Construção do Grande Hotel, (concluída em 1939, e inaugurada em 19 de abril de 1942).
-Construção do Prédio da Municipalidade (A atual biblioteca "Félix Araújo"), inaugurado em 24 de maio de 1942.
-Construção da Cadeia Pública Municipal de Campina Grande, que antes de 1935 estava localizada no lugar em que foi construída a Praça Clementino Procópio.
-Construção da Casa de Saúde e Maternidade Francisco Brasileiro, inaugurado em 17 de maio de 1946, localizado na Rua Siqueira Campos, no bairro da Prata, bairro que foi formado a partir da retirada das moradias do centro da cidade
-Com a aprovação dos Projetos que buscavam melhorar as condições sanitárias da cidade, foi assinado o contrato de serviço para a construção da rede de esgoto e a distribuição da água (concluídos em 1939) para a cidade em 25 de junho de 1936, que buscava melhorar as condições de vida na cidade.

Alguns dos principais monumentos e patrimônios de Campina Grande foram localizados.

Monumentos e Patrimônios Culturais de Campina Grande	Localização	Data
Os Pioneiros da Borborema	Às margens do Açude Velho de Campina Grande	11 de outubro de 1964
Monumento em bronze: Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga.	Às margens do Açude Velho de Campina Grande	
Estação Velha	Bairro do Centenário	<u>2 de outubro de 1907</u>
Pororoca (Travessa Almirante Alexandrino)	Rua Vidal de Negreiros e Rua João Tavares	
Cassino El Dourado	Feira central de Campina Grande	Inaugurado em 1937
Açude Velho	Centro de Campina Grande	Obras concluídas em 1830
Museu Histórico de Campina Grande	Avenida Floriano Peixoto	Inaugurado em 1814
Museu do Algodão	Campina Grande	Inaugurado na década de 1970
Estádio Plínio Arruda (Campinense Clube)	Campina Grande	Fundado em <u>12 de abril de 1915</u>
Grande Hotel	Avenida Floriano Peixoto	Inaugurado em 19 de abril de 1942
Cine Teatro Capitólio	Centro de Campina Grande	20 de novembro 1934
Monumento à Teodósio de Oliveira Lêdo	Praça Clementino Procópio	4 de março 2006
Obelisco	As margens Açude Velho de Campina Grande	
Mosteiro Santa Clara	Rua Capitão João Alves Lira	Inaugurado 31 de dezembro de 1950

Fazendo uma análise geral, um apanhado genérico, das pesquisas, entrevistas e estudos teóricos; percebe-se o quanto é importante à preservação do patrimônio cultural para memória de uma cidade. Tomando como exemplo o monumento dos três Pioneiros da Borborema, e fazendo uma ponte com a definição de Françoise Choay que “monumento é tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p.18). Os três pioneiros se encaixam perfeitamente nessa definição. Pois ele é constituído de três figuras representativas: o índio, a catadora de algodão e o tropeiro. O índio representa a origem primitiva da cidade e sua força de luta. A catadora de algodão representa a força da mulher e o acentuado desenvolvimento industrial da cidade gerado pelo ciclo algodoeiro. O tropeiro personifica o comércio e a resistência do povo campinense.

Conclusão

Em meio a um processo de mudança, com um crescimento urbano acelerado e uma exacerbada busca pelo desenvolvimento econômico; construções que simbolizavam um passado retrógrado e colonial, e que não se enquadrassem na estética e no ideal do projeto modernista do prefeito Vergniaud Wanderley, eram destruídos, demolidos para dar lugar a prédios modernos.

E entre ruas abertas, construções demolidas, muito dos patrimônios históricos e culturais de Campina Grande foram destruídos. Muito de sua história materializada no seus bens culturais foram demolidos, e com o tempo esquecidos.

Por isso, percebe-se o quanto é importante desenvolver um trabalho de conscientização nas pessoas através do ensino, para com seus deveres de cidadãs na luta a favor da preservação do patrimônio histórico e cultural de Campina Grande. Em meio a tantas modificações e transformações (consequente do projeto de modernização), é necessário um novo olhar dos cidadãos para com sua história e memória. Diante ao processo de globalização da economia e avanço do capital, é imprescindível a busca de uma identidade, que está enraizada no passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. IN: BITTENCOURT, Ciro na sala de aula (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**, 2004. LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1994.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. BITTENCOURT, Ciro na sala de aula (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Cidade e vida boêmia: Um passeio pelos maus costumes de Campina Grande**. Recife, 2002.
- CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A CIDADE COGUMELO: CAMPINA GRANDE DAS FEIRAS ÀS FESTAS**. In Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 02, 2002.
- SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945)**. 2011. p. 101. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba.
- QUIROZ, Marcus Vinícios Dantas. **O século 20 e a constituição de algumas de suas modernidades arquitetônicas: Campina Grande (PB) 1930-1950**. Revista CPC, São Paulo, n. 11, p. 103-135, nov. 2010/abr. 2011.
- D’ASSUNPÇÃO, Livia Romanelle. **Preservação urbana em diamantina, aspectos históricos e prática institucional**. Salvador. UFBA, 1995. (Dissertação)
- DOURADO, Odete. **Para sempre memória**. Revista Rua, Salvador vol. 2, 1989.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

